ISSN: 2358-8829

GUARANÁ DE MAUÉS E VALORIZAÇÃO DA CULTURA LOCAL NA ESCOLA: RELATO DE EXPERIÊNCIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Noemea dos Santos Lima[1]

INTRODUÇÃO

O guaraná faz parte da história e da cultura do município de Maués, no Amazonas, estando presente na vida de muitas famílias, tanto pelo cultivo quanto pelas tradições relacionadas ao seu uso. Essa relação com o cotidiano das crianças contribuiu para o desenvolvimento de um trabalho interdisciplinar que envolveu diferentes componentes curriculares, especialmente Ciências e Matemática.

Além de seu valor histórico e cultural, o guaraná tem importância para a economia de Maués. Seu cultivo, beneficiamento e comercialização estão relacionados ao trabalho e à renda de famílias da região. O fruto também é utilizado em bebidas, produtos derivados e peças artesanais, alcançando mercados além do município. Por isso, estudar o guaraná na escola significou aproximar os conteúdos curriculares de uma atividade que atravessa a vida econômica, social e cultural da comunidade.

Em 2025, a Secretaria Municipal de Educação de Maués (SEMED) propôs a Feira de Ciências com o tema geral “Guaraná: o tesouro de Maués, da tradição indígena à economia do futuro”. Na Escola Municipal Jardim Fraternidade Padre Silvio Miotto, foi desenvolvida a temática “Arte e cultura do guaraná”. A partir dessa orientação, foi organizado um planejamento coletivo entre os professores das duas turmas do 1º ano, com o apoio da gestão e da supervisão pedagógica da escola.

A experiência envolveu duas turmas do 1º ano do Ensino Fundamental. A autora deste relato atuava como professora de Matemática e Ciências nessas turmas, enquanto os demais docentes eram responsáveis por Língua Portuguesa e outros componentes curriculares. O planejamento e o diálogo sobre o projeto ocorreram coletivamente entre os professores das duas turmas, respeitando-se as responsabilidades de cada componente.

[1] Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas – UEA-CESP. Pós-graduada em Psicopedagogia com Ênfase na Educação Especial, Educação Infantil e Anos Iniciais., noemea.santos77@email.com;

As atividades tiveram início com uma roda de conversa que reuniu as duas turmas para conhecer as experiências prévias das crianças sobre o guaraná. Algumas já conheciam o fruto, enquanto outras demonstraram curiosidade. A conversa foi acompanhada de vídeo educativo e da observação de uma planta de guaraná levada à sala de aula.

As atividades foram concluídas com a participação na Feira de Ciências, quando foram apresentadas produções elaboradas ao longo do projeto. Este artigo tem como objetivo relatar e analisar as práticas pedagógicas desenvolvidas com as duas turmas do 1º ano, destacando as relações entre Ciências, Matemática e os demais componentes curriculares, a participação das crianças e os conhecimentos culturais presentes na comunidade de Maués.

METODOLOGIA

Este trabalho caracteriza-se como um relato de experiência pedagógica, de abordagem qualitativa e caráter descritivo-reflexivo, desenvolvido entre 4 à 27 de novembro de 2025, na Escola Municipal Jardim Fraternidade Padre Silvio Miotto, em Maués, Amazonas. A descrição concentra-se nas atividades de Ciências e Matemática que desenvolvi com duas turmas do 1º ano do Ensino Fundamental, considerando também as contribuições dos demais professores.

Para a reconstrução do percurso, foram considerados o planejamento interdisciplinar, as observações da professora autora durante as aulas e a visita, as produções das crianças incluindo a tabela coletiva, os registros escritos, os desenhos e as fotografias utilizadas como documentação pedagógica. Optou-se por não reproduzir imagens que permitissem identificar os estudantes.

O plano interdisciplinar “O guaraná de Maués: o tesouro da nossa terra e a força da nossa cultura” foi inicialmente organizado para quatro aulas, de 4 à 7 de novembro, com propostas de Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História, Geografia e Arte. Ao longo do mês, o trabalho foi ampliado, incluindo a aula-passeio e a culminância na Feira de Ciências. Neste relato, distingo as atividades previstas no plano daquelas efetivamente realizadas e acompanhadas.

A elaboração das propostas ocorreu de forma colaborativa entre os professores das duas turmas. A professora autora deste relato participou das discussões, sistematizou o planejamento e o compartilhou com os docentes responsáveis pelos diferentes componentes curriculares, desenvolvendo as atividades de Matemática e Ciências. As ações de Língua Portuguesa e das demais áreas foram conduzidas pelos respectivos professores.

[1] Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas – UEA-CESP. Pós-graduada em Psicopedagogia com Ênfase na Educação Especial, Educação Infantil e Anos Iniciais., noemea.santos77@email.com;

Em 4 de novembro, realizou-se uma conversa inicial com as duas turmas para identificar o que as crianças já sabiam sobre o guaraná. Algumas conheciam o fruto, enquanto outras possuíam poucas informações. Em seguida, foram utilizados um vídeo educativo e a observação de uma planta de guaraná para ampliar o diálogo e aproximar o estudo da realidade local.

Durante o desenvolvimento do projeto, os professores realizaram a leitura e a interpretação da lenda do guaraná com os estudantes das duas turmas do 1º ano. A atividade integrou as propostas interdisciplinares, proporcionando o contato com uma narrativa relacionada ao guaraná e favorecendo o diálogo sobre os conhecimentos culturais presentes no município de Maués.

Antes da visita, discutiu-se o processo de transformação do guaraná em bastão. Com a mediação da professora autora, foi organizada uma tabela coletiva sobre as etapas da produção, os instrumentos utilizados e o tempo aproximado de cada etapa, articulando observações de Ciências e noções de Matemática.

Antes da aula-passeio, houve uma vivência conduzida pelos pais de um estudante, pertencentes ao povo Sateré-Mawé, convidados a compartilhar com as turmas conhecimentos sobre grafismo indígena. Eles apresentaram elementos naturais utilizados nos grafismos e explicaram sentidos atribuídos a desenhos, relacionados, entre outros aspectos mencionados na atividade, a animais, natureza, proteção e identidade cultural. A atividade foi tratada como encontro com saberes de seus próprios portadores, não como mera decoração.

Após essa atividade de aproximação com os conhecimentos culturais, em 12 de novembro de 2025, realizou-se uma aula-passeio a uma propriedade rural com plantação de guaraná. A proposta da visita surgiu do diálogo e do planejamento coletivo entre os professores das duas turmas do 1º ano. Um dos docentes, por conhecer o proprietário da plantação, contribuiu para estabelecer o contato, possibilitando a autorização para a realização da visita à propriedade rural. atividade foi organizada com o apoio da gestão escolar, que solicitou à Secretaria Municipal de Educação de Maués (SEMED) o transporte dos estudantes. A Secretaria disponibilizou um ônibus, possibilitando a participação dos alunos do turno matutino. Durante a visita, as crianças observaram mudas, frutos, o forno utilizado no processamento e o guaraná torrado, estabelecendo relações entre as observações realizadas e os conhecimentos trabalhados anteriormente em sala de aula.

Após a aula-passeio, foi elaborada pela professora autora uma cartilha de atividades intitulada “Nossa aula-passeio no guaranazeiro”, organizada em formato de pequeno livro e

[1] Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas – UEA-CESP. Pós-graduada em Psicopedagogia com Ênfase na Educação Especial, Educação Infantil e Anos Iniciais., noemea.santos77@email.com;

entregue às crianças para realização em casa, com o apoio de seus familiares. O material continha atividades de identificação do fruto, perguntas sobre o lugar visitado e os conhecimentos construídos, além de espaço para desenhar o momento de que mais gostaram. Posteriormente, as cartilhas foram recolhidas para observação dos registros escritos e das representações produzidas pelos estudantes.

Durante o desenvolvimento do projeto, uma professora de outra turma convidou uma artesã da comunidade para apresentar diferentes produções relacionadas ao guaraná e a elementos naturais da região. A convidada mostrou cestos, objetos decorativos e possibilidades de utilização da massa do guaraná na confecção de enfeites, brincos e outras peças. Essa participação integrou as ações coletivas da escola e ampliou o contato das crianças com práticas artesanais locais.

Outra frente do projeto abordou o cuidado com as praias de Maués, espaços importantes para a vida local e para as manifestações culturais do município. Inicialmente, foram mostrados exemplos de praias limpas e de praias com lixo, estimulando comparações e conversas sobre o descarte inadequado de resíduos. Em seguida, as crianças participaram da construção do robô Guará com materiais recicláveis e produziram cartinhas de conscientização, com orientações como “Não jogue lixo”.

Em 27 de novembro de 2025, ocorreu a culminância na Feira de Ciências municipal, na Praça de Alimentação de Maués. Os professores organizaram painéis com desenhos e pinturas sobre o guaraná, registros de atividades, fotografias da aula-passeio e produções relacionadas à transformação do fruto em bastão. Também foram expostas as cartinhas sobre o cuidado com as praias e o robô Guará, construído com materiais reaproveitados. A exposição reuniu trabalhos das diferentes turmas e tornou visível ao público parte do percurso realizado na escola.

REFERENCIAL TEÓRICO

A educação contextualizada não consiste apenas em utilizar exemplos conhecidos: exige transformar experiências sociais em oportunidades de problematização e elaboração de conhecimentos. Em Pedagogia da autonomia, Freire (1996) defende o respeito aos saberes dos educandos e o diálogo como elementos constitutivos da prática docente. Essa perspectiva ajuda a compreender por que o guaraná, presente na vida cultural de Maués, pode funcionar como ponto de partida para perguntas, observações e explicações produzidas em sala de aula.

Fazenda (2008) discute a interdisciplinaridade como um movimento que ultrapassa a simples reunião de disciplinas em torno de um mesmo assunto. No projeto, os professores

[1] Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas – UEA-CESP. Pós-graduada em Psicopedagogia com Ênfase na Educação Especial, Educação Infantil e Anos Iniciais., noemea.santos77@email.com;

compartilharam um tema e organizaram atividades próprias de seus componentes curriculares. O trabalho conjunto permitiu estabelecer relações entre conhecimentos sem exigir que todas as turmas realizassem as mesmas tarefas.

A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) orienta o Ensino de Ciências nos anos iniciais a partir da valorização dos conhecimentos prévios, da curiosidade e da observação do mundo natural. Também destaca a importância de experiências investigativas e de diferentes formas de comunicação dos conhecimentos construídos. No projeto, a visita à plantação, a observação do guaranazeiro e os registros posteriores aproximaram essas orientações da realidade dos estudantes.

No ensino de Ciências, o contato com ambientes e objetos reais pode favorecer a elaboração de perguntas e a construção de explicações iniciais. A BNCC (BRASIL, 2018) prevê oportunidades de investigação, inclusive por meio de atividades de campo, observações e registros. Nessa perspectiva, a aula-passeio constituiu uma situação de aprendizagem contextualizada, sem que se atribua a ela, isoladamente, a comprovação de resultados de aprendizagem.

Soares (2020) destaca a importância de articular a aprendizagem da escrita às práticas sociais de leitura e produção textual. Embora a autora deste relato atuasse em Ciências e Matemática, as cartinhas e os registros escritos integraram o projeto interdisciplinar por meio do trabalho dos professores responsáveis pelos diferentes componentes curriculares.

A presença dos familiares Sateré-Mawé exige atenção à educação intercultural. A Lei nº 11.645/2008 estabelece o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena no currículo escolar, enquanto a abordagem pedagógica deve evitar generalizações que tratem os diferentes povos indígenas como uma cultura única (BRASIL, 2008). Os grafismos apresentados pelos convidados foram compreendidos como expressões com sentidos próprios, explicados por pessoas vinculadas a esses conhecimentos, e não como padrões gráficos descontextualizados.

A educação ambiental, conforme Carvalho (2012), envolve a formação de sujeitos capazes de refletir sobre suas relações com o ambiente e sobre práticas coletivas de cuidado. No projeto, a comparação entre praias limpas e com resíduos, o reaproveitamento de materiais no robô e a escrita de mensagens de preservação ofereceram situações concretas de discussão. A produção de cartinhas não comprova, por si só, mudança permanente de comportamento, mas constitui evidência de participação em uma prática educativa de sensibilização.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

[1] Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas – UEA-CESP. Pós-graduada em Psicopedagogia com Ênfase na Educação Especial, Educação Infantil e Anos Iniciais., noemea.santos77@email.com;

Na roda de conversa inicial, observaram-se diferentes experiências das crianças com o guaraná. O vídeo e a observação da planta contribuíram para estabelecer referências comuns para o diálogo, sem desconsiderar os conhecimentos que os estudantes já traziam de suas famílias e da comunidade.

A vivência anterior à aula-passeio, conduzida pelos pais de um estudante Sateré-Mawé, trouxe ao espaço escolar uma forma de conhecimento que não poderia ser reduzida a ilustração de conteúdo. Ao apresentar elementos naturais utilizados no grafismo e explicar que desenhos possuem sentidos culturais, os convidados participaram como sujeitos de saber. A atividade favoreceu uma aproximação respeitosa entre escola e comunidade e permitiu discutir manifestações culturais por meio da fala de seus participantes.

A aula-passeio destacou-se pelo envolvimento das crianças. Na plantação, foram observados mudas, frutos, o forno e o guaraná torrado. Um episódio significativo ocorreu quando alguns estudantes, ao perceberem frutos ainda verdes com aparência semelhante a pequenos olhos, utilizaram espontaneamente a expressão “guaraná cego”. O comentário foi acolhido como manifestação da observação infantil, sem ser apresentado como uma classificação botânica.

A observação foi retomada em diálogo com as crianças, valorizando-se aquilo que haviam percebido. O episódio evidenciou, na reflexão da professora autora, a importância de escutar as interpretações dos estudantes antes de apresentar explicações prontas, especialmente em atividades de observação direta.

As cartilhas “Nossa aula-passeio no guaranazeiro”, recolhidas após a atividade em casa, apresentaram respostas às perguntas sobre a visita e desenhos dos momentos preferidos das crianças. Em algumas produções, apareceram referências ao guaranazeiro, aos frutos e ao transporte utilizado no passeio. Esses registros permitiram acompanhar como os estudantes retomaram a experiência por meio da escrita e do desenho, respeitando suas diferentes possibilidades de expressão no 1º ano.

As situações de diálogo, a leitura e interpretação da lenda do guaraná e os registros produzidos ao longo do projeto também possibilitaram diferentes formas de expressão das crianças. A oralidade esteve presente nas conversas, perguntas e manifestações espontâneas dos estudantes, enquanto a criatividade pôde ser observada nas produções artísticas e nos desenhos relacionados às experiências vivenciadas. Esses registros evidenciam oportunidades de

[1] Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas – UEA-CESP. Pós-graduada em Psicopedagogia com Ênfase na Educação Especial, Educação Infantil e Anos Iniciais., noemea.santos77@email.com;

ISSN: 2358-8829

participação e expressão infantil, sem permitir afirmar, isoladamente, avanços mensuráveis nessas habilidades.

A apresentação da artesã trouxe outra dimensão da cultura do guaraná para as turmas. Os cestos e os objetos confeccionados com elementos naturais, assim como os enfeites e brincos produzidos com a massa do guaraná, mostraram possibilidades de trabalho artesanal presentes na região. Essa vivência complementou a observação da plantação e ajudou a compreender que o guaraná se relaciona não apenas ao cultivo, mas também à criação de objetos, à circulação de produtos e às atividades econômicas locais. Não se tratou de medir conhecimentos econômicos das crianças, mas de aproximá-las dessas práticas por meio de exemplos concretos.

Na dimensão socioambiental, a comparação visual de praias limpas e sujas antecedeu a construção do robô Guará com materiais recicláveis e a elaboração de cartinhas. Essa ordem permitiu relacionar um problema próximo da realidade local a duas formas de resposta escolar: reaproveitar materiais e comunicar mensagens de cuidado. A produção "Não jogue lixo" expressou uma orientação ambiental construída no contexto das discussões, sem que seja possível inferir mudanças duradouras de hábitos.

Na Feira de Ciências, os painéis reuniram desenhos, pinturas e outras representações do guaraná produzidas pelas crianças. As fotografias da aula-passeio permitiram apresentar ao público momentos da visita à plantação, enquanto os registros sobre o processo de produção do bastão retomaram aspectos estudados nas aulas. O robô Guará e as cartinhas ampliaram a exposição para o cuidado com o ambiente. A organização coletiva dessas produções tornou visível o percurso desenvolvido ao longo de novembro, sem que seja necessário atribuir às crianças aprendizagens não verificadas por instrumentos específicos.

As observações feitas durante as aulas, os registros fotográficos e as produções recolhidas compõem a documentação pedagógica do projeto. As fotografias foram preservadas, sem reprodução neste artigo. Como se trata de um relato de experiência, a análise se concentra nas situações vividas, nas manifestações das crianças e nas reflexões decorrentes da prática.

O trabalho coletivo entre docentes, gestão e supervisão pedagógica contribuiu para a organização das atividades e para a participação na Feira de Ciências. A experiência também mostrou a importância de prever momentos de escuta e formas de registro adequadas à idade dos estudantes. Não foram aplicados testes padronizados antes e depois do projeto; por isso, as considerações apresentadas se referem ao envolvimento e às produções observadas, sem generalização para outras turmas.

[1] Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas – UEA-CESP. Pós-graduada em Psicopedagogia com Ênfase na Educação Especial, Educação Infantil e Anos Iniciais., noemea.santos77@email.com;

ISSN: 2358-8829

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência com o guaraná de Maués permitiu desenvolver atividades escolares relacionadas à história, à cultura e à produção local. O interesse das crianças nas conversas, nas observações e na aula-passeio foi um aspecto marcante, assim como a possibilidade de trabalhar de forma colaborativa, respeitando as particularidades de cada componente curricular.

No âmbito de Matemática e Ciências, a organização da tabela coletiva e a visita à plantação favoreceram a abordagem de conteúdos por meio de situações concretas. Para a professora autora, essas atividades também constituíram oportunidades de refletir sobre a própria prática e sobre a importância de relacionar os conhecimentos escolares às experiências das crianças.

A participação da família Sateré-Mawé possibilitou que conhecimentos sobre os grafismos fossem apresentados por integrantes do próprio povo. As atividades ambientais, por sua vez, aproximaram o tema do guaraná de uma preocupação presente no município: o cuidado com as praias e o descarte de resíduos.

A cartilha levada para casa e a exposição dos trabalhos na feira foram importantes para dar continuidade às experiências realizadas fora da sala de aula. A participação da artesã, por sua vez, mostrou como o conhecimento de pessoas da comunidade pode contribuir para uma abordagem mais ampla do guaraná, envolvendo cultura, natureza, artesanato e economia local.

O planejamento interdisciplinar foi desenvolvido com a colaboração dos professores e o apoio da gestão e da supervisão pedagógica. Essa parceria foi importante para a realização da visita, das atividades em sala de aula e da exposição na Feira de Ciências.

A sistematização desta experiência como relato permitiu refletir sobre a prática docente desenvolvida no projeto. Não se pretende apresentar um modelo único nem afirmar resultados de aprendizagem que não tenham sido avaliados por instrumentos específicos. O que se destaca são as observações, os registros e as produções das crianças, bem como a contribuição do planejamento coletivo e da participação da comunidade.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida, pela força e pela sabedoria ao longo da minha trajetória pessoal, acadêmica e profissional.

Ao professor e mestre Renner (*in memoriam*), pelos ensinamentos, pelo incentivo à reflexão sobre a prática pedagógica e pelas valiosas contribuições à minha formação docente,

[1] Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas – UEA-CESP. Pós-graduada em Psicopedagogia com Ênfase na Educação Especial, Educação Infantil e Anos Iniciais., noemea.santos77@email.com;

despertando o interesse pela pesquisa e pela compreensão da educação como um processo contínuo de aprendizagem.

À Secretaria Municipal de Educação de Maués (SEMED), sob a gestão do secretário Fredy Veras, pela proposição da Feira de Ciências de 2025 e pelo incentivo à realização de projetos voltados à valorização da cultura e dos conhecimentos locais.

À gestora Valdenoura Dias Trindade Menezes e às supervisoras pedagógicas Valdenice Dias Trindade e Midiam Carvalho Rolim, pelo apoio e acompanhamento durante o desenvolvimento do projeto.

Aos professores Márcia Miranda da Silva e Cleuto Cardoso Belizário, pela parceria, pelo diálogo e pelo planejamento coletivo das atividades, e à professora Rosiene Silva, do Atendimento Educacional Especializado (AEE), pela colaboração nas práticas pedagógicas e pelo apoio à participação e à aprendizagem dos estudantes, contribuindo para o desenvolvimento de uma experiência educativa inclusiva. Aos demais profissionais da escola, pelo apoio e pela colaboração durante a realização do projeto.

Ao proprietário da propriedade rural visitada, por permitir a realização da aula-passeio ao guaranazal, proporcionando aos estudantes a oportunidade de conhecer de perto o cultivo e o processamento do guaraná. À família Sateré-Mawé, pelo compartilhamento de conhecimentos sobre o grafismo indígena, e à artesã da comunidade, pela contribuição à valorização dos saberes culturais e das práticas artesanais presentes no município de Maués.

Aos pais e responsáveis, pela confiança, pela parceria e pela autorização para que as crianças participassem da aula-passeio à plantação de guaraná, realizada no turno matutino, possibilitando a ampliação das experiências de aprendizagem para além do espaço escolar.

Aos estudantes, pela curiosidade, pela participação e pelo entusiasmo demonstrados ao longo das atividades. Suas perguntas, observações e produções contribuíram para a construção coletiva dos conhecimentos e deram sentido à experiência pedagógica aqui relatada.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 1, 11 mar. 2008. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2008/lei-11645-10-marco-2008-572787-publicacaooriginal-96087-pl.html. Acesso em: 20 set. 2026.

[1] Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas – UEA-CESP. Pós-graduada em Psicopedagogia com Ênfase na Educação Especial, Educação Infantil e Anos Iniciais., noemea.santos77@email.com;

ISSN: 2358-8829

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base. Acesso em: 20 set. 2026.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (org.). **O que é interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SOARES, Magda. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020.

[1] Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas – UEA-CESP. Pós-graduada em Psicopedagogia com Ênfase na Educação Especial, Educação Infantil e Anos Iniciais., noemea.santos77@email.com;